

## Tradição e ruptura em *O alienista e O mistério da Casa Verde*

**Rilza Rodrigues Toledo**<sup>1</sup>, rilza@konet.com.br

1. Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), MG; professora na Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) de Ubá e Visconde do Rio Branco, MG.

Artigo protocolado em 29/10/2008 e aprovado em 18/02/2009.

**RESUMO:** A partir da análise literária, figurando como momento representativo no pensamento contemporâneo, pretende-se, neste trabalho, apresentar uma análise comparativa entre dois textos da literatura brasileira, demonstrando marcas de tradição e ruptura evidenciando o caráter de autoridade e poder da ciência exercido por Simão Bacamarte na obra **O alienista** de Machado de Assis e a solidariedade vivida pelas personagens em **O mistério da Casa Verde** de Moacyr Sclyar.

**Palavras-chave:** tradição e ruptura, autoridade e solidariedade, ciência, literatura brasileira.

**RESUMEN:** Tradición y ruptura en *O Alienista* y *O mistério da Casa Verde*. Empezando del análisis literario que figura como el momento representativo en el pensamiento contemporáneo, pensamos, en este trabajo, presentar un análisis entre dos textos de la literatura brasileña, demostrar signos de tradición y ruptura que evidencian el carácter de la autoridad y poder de la ciencia ejercitada por Simão Bacamarte en el *O Alienista* de Machado de Assis y

la solidaridad vividos por los caracteres en *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Sclyar.

**Palabras llaves:** tradición y ruptura, autoridad y solidariedad, ciencia, literatura brasileña.

**ABSTRACT:** *Tradition and rupture in O Alienista and O mistério da Casa Verde.* Starting from the literary analysis figuring as representative moment in the contemporary thought, we intend, in this work, to present a comparative analysis between two texts of the Brazilian literature, demonstrating signs of tradition and rupture evidencing the authority and power character of the science exercised by Simão Bacamarte in the work *O alienista* of Machado de Assis and the solidarity lived by the characters in *O mistério da Casa Verde* of Moacyr Sclyar.

**Keywords:** tradition and rupture, authority and solidariedad, science, Brazilian literature.

## Introdução

A análise do conto machadiano privilegia e evidencia possíveis tensões entre rupturas e continuidades na representação literária brasileira. Se Machado de Assis dialogou com a tradição literária e seus procedimentos de representação, aplicou-os de forma extremamente original. O gênio das letras brasileiras criou uma narrativa que prima por sua incursão na mente humana, desvendando os desvãos, expõe a hipocrisia e a volubilidade que são os móveis interiores em grande parte de suas personagens, despertando no leitor, uma necessidade crescente de discussões sobre a estrutura narrativa machadiana que traz em si diversas possibilidades interpretativas.

A partir da análise literária figurando como momento representativo no pensamento contemporâneo, pretende-se, neste trabalho, fazer uma análise comparativa entre dois textos literários, na tentativa de demonstrar marcas de tradição e ruptura evidenciando o caráter de autoridade e poder exercido por Simão Bacamarte na obra **O alienista** e a solidariedade vivida pelas personagens na obra **O mistério da Casa Verde** de Moacyr Sclyar, uma releitura da obra de Machado de Assis. Ressalta-se que a metodologia utilizada baseia-se na leitura das duas obras e a releitura será coerente com a compreensão que o leitor constrói na leitura das obras. Cada leitura revela o nível de complexidade cognitiva e o aprimoramento das idéias estéticas do leitor (ROSSI, 2003, p. 12).

A esses aspectos devem-se as diferenças entre as leituras e as releituras produzidas. Segundo Sant'anna, uma releitura "é uma tomada de consciência crítica" (1995, p. 31), o que será verificado ao comparar as duas obras.

Pela perspectiva de Borhnheim (1997), percebe-se o estabelecimento de tradição e ruptura entre eles, uma vez que, o primeiro, trata-se de uma Casa de Orates para o desenvolvimento de estudos científicos sobre a 'loucura'. De um lado, a sede de explicação rigorosa de seu objeto, a loucura, e de outro, o direito que se arroga de dizer a verdade a respeito da 'loucura' e do 'louco' e de agir sobre ele com legítimos e plenos direitos, conforme afirmação: "O principal nesta minha obra na Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir, enfim a causa do fenômeno e o remédio universal" (ASSIS, 2004, p. 22).

A obra de Machado denuncia o vínculo entre ciência e poder bem como a usurpação pelo homem de ciência do direito que cada um tem de dizer a própria verdade, o que conduz à ironia final: parece haver mais loucura na pretensão de estabelecer com nitidez a linha divisória entre a 'razão' e a 'loucura' que em se perder entre seus supostos limites.

Além de apresentar particularidades em sua obra, Machado de Assis possibilita ao público leitor um importante questionamento sobre o cientificismo. Será que o racionalismo puro poderia implicar o detrimento de uma essência mais humana? Isto se revela através do seu protagonista, representante de um dogmatismo definido, em determinado momento histórico, caracterizado pelo cientificismo, travando-se da ciência compreendida como autêntica religião moderna, mas dominada por dogmatismo e inflexível no estabelecimento de sua "verdade".

## **I – Tradição e ruptura: a retomada do clássico**

Ao comparar as obras, nota-se que houve uma retomada confirmando o ritmo da atividade literária que obedeceu, entre os homens, a um movimento de construção de duas histórias – de um lado uma nova história, e de outro, ao romper, não abandona a velha, retoma-a como uma base significativa.

Segundo Bornheim:

TRADIÇÃO: a palavra vem do latim *traditio* verbo *tradire* e significa entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração, ou conhecimento oral ou escrito. Através da tradição algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. RUPTURA: rompimento de uma tradição (1997, p. 20)

Com base nos conceitos apresentados, procurou-se fazer uma análise textual, verificando no primeiro texto, **O alienista**, a tradição e, no segundo, **O mistério da Casa Verde**, a ruptura de fatos e relatos.

O livro **O mistério da Casa Verde** é uma atividade de retextualização da obra **O alienista** de Machado de Assis. Ao resolver transformar em clube, a casa verde, casarão abandonado que abrigara um antigo hospício da cidade de Itaguaí, Arturzinho e seus amigos se deparam com um grande mistério. Para solucioná-lo, a turma recorre à leitura do texto machadiano, inspirado em fatos sucedidos na própria Casa, muitos anos antes.

A personagem central da obra, Arturzinho, era um menino corajoso, aventureiro, tinha um rival, André que fazia parte da turma junto a Pedro Bola e Léio, o intelectual e mais inteligente deles.

O protagonista de **O alienista** é Simão Bacamarte, um homem estranho que achava que todas as pessoas eram anormais e as mandava para seu “consultório”: a Casa Verde. A história de Machado de Assis aconteceu no final do século XIX, época em que começaram a surgir clínicas para loucos. Sobre a imagem do gênio, Machado de Assis, assim manifestou:

Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras (2004, p. 26).

Imagem vivaz do alienista, Simão Bacamarte surge como um moderno cavaleiro andante da ciência, cuja vida é feita de rupturas e separações que fariam o vulto sofrer – mas dela as lágrimas e saudades foram banidas. Nada o comove exceto a ciência. Goza apenas das alegrias reservadas a um sábio e sobrevive num mundo dividido paradoxalmente entre: o presente e o futuro, a besta e o gênio, o sábio e o tolo, a razão e o sentimento.

Afastou-se da corte e das missões que lhe oferece el-rei e descobre na ciência a única possibilidade de emprego, e em Itaguaí, único local para desempenhar sua profissão, conforme se verifica em: “A ciência – disse ele a Sua Majestade – é o meu emprego único, Itaguaí é o meu universo” (ASSIS, p. 20). Não terá filhos – a infertilidade, é óbvio, será de imediato atribuída à sua mulher e isso não o abala, conforme citação: “D. Evarista mentiu às esperanças de Dr Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos” (ASSIS, p. 20). A

ciência é seu lenitivo e se entrega à tarefa de estudar a patologia mental, a ocupação mais digna de um médico.

Estudando a loucura, classifica tipos ou classes: “Dividiu-os em duas classes principais: os furiosos e os mansos, daí em subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas” (ASSIS, 2004, p. 24) e, certamente, descobrirá as causas e o remédio universal para a loucura, conforme afirmação: “a cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regime, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos” (ASSIS, p. 24).

A recorrência insistente a metáforas geográficas de universo a ilhas delimita seu campo de luta e sua obsessão em um lugar onde poderá desvendar o último segredo da perturbação da mente humana, como afirma Machado de Assis: “A loucura – ele descobre, ao despedir-se de D. Evarista, que viaja ao Rio-objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (2004, p. 27).

Os horizontes do alienista se ampliam. Analisando e comparando o espírito humano a uma vasta concha onde se encontra a razão, o autor revela que “é o meu fim [...] ver se posso extrair a pérola que é a razão. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades humanas” (ASSIS, 2004, p. 28). É preciso evitar toda imprecisão, toda delicadeza de distinções neste continente a ser conquistado, só há um caminho: a delimitação exata, científica dos limites que separam razão e loucura.

Já que a ciência é uma investigação constante, a saúde mental deve ser entendida como o “perfeito equilíbrio [...]. Fora daí, insânia, insânia e só insânia” (2004, p. 28). E ainda acrescenta que “a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas”.

Na versão original, Simão manda soltar todos os “presos” da Casa Verde, descobre que era normal ser maluco, conforme se verifica em: “E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam ser postos na rua. – Todos? – Todos” (ASSIS, 2004, p. 46). O doutor percebeu que ele era perfeito e isso não era normal, então ele se prendera na Casa Verde e se entregou ao estudo e à cura de si mesmo, morrendo dezessete meses após a reclusão.

**O alienista** é uma obra de ficção, não é um ensaio, não defende teses. Se há uma verdade para a literatura, esta não reside na organização lógica dos juízos, em sua organização formal ou referência material à realidade. Para a literatura a verdade é uma questão vital à medida que gera narrativas: seus episódios, peripécias que constituem as personagens. Não há em literatura demonstração discursiva possível, a não ser quando se amesquinha em ser mera transcrição linear do real, tido por imediatamente evidente. “A ciência era

a ciência” (ASSIS, 2004, p. 29), repete o alienista diante de dúvidas, ataques, desconfianças, imaginando se seu opositor não seria mais um caso a trancafiar. A ciência não deve explicações a ninguém, tem suas próprias normas de auto-avaliação, o que compete apenas a ela discutir. Acima do bem e do mal, imune às suspeitas, o sábio não tem por onde ser contestado. Diante da Revolta dos Canjicas, o Alienista discursa à multidão:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes (2004, p. 37).

A ciência vive de palavras, momentos, regras e instrumentos que imagina serem propícios à verdade – seus rituais de produção: o laboratório, os conceitos, as demonstrações. É difícil encontrar discurso sobre as imunidades e privilégios que a ciência a si mesmo concede, ancorada nas instituições que falam em seu nome, já que vive também dos lugares de privilégio onde são buscadas as verdades: o hospital, o hospício, a academia, a escola, enquanto um escritor trabalha a partir de pequenas coisas. Às vezes uma frase, pequena situação, uma palavra. Trata-se de descobrir quem proferiu a palavra, a frase, realizou o gesto, deparou-se com tal situação, e em que circunstâncias este conjunto de forças pode-se levar a seu limite. A arte da ficção cria um texto em que ao concentrar energias permite a eclosão de uma verdade, a que se chama de real e o sentido só acontece diante do olhar do homem – é aquilo sobre o que o mesmo ser admite nada saber. Seria este conjunto informe, caótico, suposto por detrás do que se vê. Diante dele, a literatura – e isso tem em comum com a ciência – irá criar um mundo unitário, organizado, necessário. Ainda que seja para demonstrar o caos. Não necessariamente para matar, mas sendo usado ficcionalmente para significar.

## II – Pelas veredas de *O alienista*

A história percorre pelas veredas de **O alienista**, envolve a Casa Verde que é transformada em clube. Os meninos realizaram o grande sonho, tendo o clube de jovens numa parte do antigo casarão abandonado que abrigara o hos-

pício em Itaguaí. Em outra parte, fora instalado o Centro Cultural Machado de Assis, onde passaram a acontecer encenações às sextas-feiras, uma sala de vídeo, uma biblioteca e uma oficina de artes.

Na linguagem utilizada pelos dois autores, pode-se perceber uma grande diferença: Machado de Assis usa uma linguagem culta, de difícil compreensão:

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e não curado, mas descurado, até que a morte o vinha desfraldar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua (2004, p. 21).

Na obra sobre a qual se analisa a ruptura, Moacyr Sclyar, em linguagem adequada à juventude, mostra, em pleno final do século XX, um grupo de jovens à procura de um local para se divertir, na ainda pacata Itaguaí, a mesma cidade que foi palco do famoso conto machadiano, conforme se verifica no fragmento: “Como vocês estão carecas de saber, precisamos de um lugar para nossas reuniões – proclamou, em tom veemente” (2006, p. 15). Os jovens, liderados por Arturzinho, precisavam de um lugar apropriado para aqueles encontros e “esse era um problema que vinha incomodando Arturzinho, e que chegava até a lhe tirar o sono: onde se reunir com a turma? (SCLYAR, 2006, p. 14). Depois de longa conversa e muitas sugestões, o garoto marca uma reunião com os integrantes do grupo “Quando Arturzinho chegou, os outros já estavam lá” (SCLYAR, p.15) e o jovem afirma “Eu tenho esse lugar [...] a Casa Verde” (SCLYAR, p. 18), aquela em que viveu Simão Bacamarte, estudando a própria loucura, e onde morreu. A casa tinha fama de mal-assombrada não faltando “quem garantisse ter ouvido ali, à noite, gritos e gemidos” (SCLYAR, p.13).

A princípio, todos se manifestaram, assustados, mas no fim, aceitaram. E ele manifestou: “Está decidido – Amanhã vamos até lá, tomar conta do nosso clube” (SCLYAR, p. 17). Os jovens perfuraram a parede, notaram que a casa abandonada estava limpa e encontraram “no meio da sala, sentado em uma grande cadeira e de frente para eles um homem de expressão estranha. Quem seria aquele homem assustador, trajado à antiga, na sala igualmente antiga, onde se encontrava “afixado nela, um antiqüíssimo letreiro: do “Director”? (SCLYAR, p. 20). “Um homem estranhíssimo: desgrehada cabeleira grisalha, imensa barba, e os olhos, que olhos aqueles!” (SCLYAR, p. 20). Os jovens estavam muito assustados, “petrificados de terror” (SCLYAR, p. 20), deram meia volta e saíram da casa em disparada, mas com um objetivo de desvendar o mistério e, assim, realizando um ato de solidariedade.

O narrador de **O mistério da Casa Verde**, valendo-se de vocabulário e estruturas sintáticas facilmente compreendidas pelo público-alvo, atrai e conduz o leitor a enveredar por uma história que os mais antigos entendiam concluída e eternizada na pena de Machado de Assis.

Privilegiando o discurso direto, a obra flagra os jovens falando um português simples, com leves marcas de oralidade, como na passagem em que se emprega o verbo *ter* em sentido existencial, conforme se verifica em: “– (...) Tem uma multidão na frente da Casa Verde” (2006, p. 67), e Lúcia, referindo-se ao pai, diz que Ana “cuidava dele, alimentava-o, vestia-o”. Trata-se de registros incomuns na fala dos jovens. Para confirmar, nota-se na história de Simão Bacamarte:

Nesse período, ele não teve contato com ninguém, a não ser com a mulher que tomava conta do lugar, uma portuguesa chamada Ana. Essa moça tinha muita pena do doutor, cuidava dele, alimentava-o, vestia-o. Para ela, o doutor Bacamarte não era alienista [...] nem doente; era um infeliz, um homem solitário, que precisava ser ajudado. Ele acabou apaixonando-se por ela. Tiveram um filho, mas disso ele não ficou sabendo, porque morreu antes (2006, p. 52-52).

Na releitura, Leo, o intelectual da turma, dirige o grupo à professora Isaura, que resume a obra machadiana e a interpreta, muito habilmente, também como uma sátira política, uma vez que a figura do revolucionário Porfírio, assume o governo de Itaguaí, procura uma conciliação com o poder científico representado por Bacamarte. André, que não gostava muito de leitura, fica interessado em se embrenhar no mundo machadiano.

Ao confrontar as obras é possível aflorar uma dúvida no leitor e levá-lo a indagar sobre o tempo em que as personagens de **O alienista** viveram.

A narrativa denuncia que a história dos “loucos” de Itaguaí se passou no século XVIII. As referências ao rei D. João V e ao marquês de Pombal são provas incontestes disso. Martim Brito, por exemplo, um rapaz de vinte de cinco anos, que foi trancafiado na Casa Verde durante o terror, compôs certa feita uma ode à queda do marquês de Pombal, ministro português de 1750 a 1777.

Na obra de SCLYAR, entretanto há uma referência ao alienista como alguém do século XIX: “ – Foi um choque, Arturzinho. Um choque. Nos guardados da família ele tinha arranjado aquela roupa do século passado, e estava lá, sentado numa cadeira velha, à luz de uma vela, naquele lugar imundo [...] Ele nos olhava fixo, sem dizer nada” (2006, p. 54).

O narrador de **O alienista**, ancorado em antigas crônicas, não fixa datas da “epopéia” cientificista de Bacamarte, mas deixa pistas significativas. Assim, Porfírio, no comando dos revoltosos, refere-se à casa verde como “Bastilha da razão humana” (2006, p. 35), a um ato que simboliza a conquista da liberdade, numa referência à Revolução Francesa de 1789. Porfírio assume, é deposto, chegam as tropas do vice-rei e se restabelece a ordem em Itaguaí. Uma torrente de loucos é então confinada na casa verde, havendo delimitação de espaço/tempo em que o fato ocorreu. Um dia a população se assombra com a soltura dos loucos e a mudança da teoria científica, confirmando “a convicção científica e a abnegação humana” (ASSIS, 2004, p. 50).

Daí até a morte do Alienista, o leitor atento vai perceber um intervalo de aproximadamente três anos. Poder-se-ia conjecturar que os fatos narrados por Machado de Assis cheguem mesmo ao início do século XIX, tendo em vista a referência aos vice-reis. Como se sabe, o último deles governou o Brasil em 1808.

Mesmo assim, considerando o parentesco entre Simão e Jorge (o alienista de **O mistério da Casa Verde**) parece próximo demais. Jorge, personagem do final do século XX, de um tempo em que os jovens já ouvem CDs, seria descendente de alguém nascido no final do século XVIII ou na primeira década do século XIX? Como se verifica na obra: “Ele é bisneto do doutor Simão Bacamarte” (2006, p.52).

Esse pequeno senão, salvo melhor juízo, compromete levemente a verossimilhança de **O mistério da Casa Verde**, mas não invalida, por certo, seu grande mérito de fomentar o diálogo com um clássico da literatura brasileira .

### III – A Casa Verde

A história retrata a burguesia da época, com sua hipocrisia, valendo-se da personagem que irá desenvolver suas teorias a respeito do tratamento da loucura, conhecimento adquirido em sua estada na Europa, conforme se verifica em: “ – A ciência – disse ela a Sua Majestade – é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo!” (ASSIS, 2004, p. 20).

A ironia de Machado de Assis é notória nesta obra, quando mostra a hipocrisia do ser humano que só pensa em seu próprio prestígio. Dr. Simão Bacamarte, casado com apática senhora, consegue da Câmara de Vereadores de Itaguaí verba para fundar a “Casa de Orates”, ou “Casa Verde”, um hospício onde o sinistro e empertigado médico resolve estudar os limites entre a razão e a loucura, declarando que: “a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas” (ASSIS, p. 20), convencendo, dessa forma, as autoridades e a população de que estudar este mal era tendência na Europa.

Fica então a cidade à revelia de um homem que resolve, por sua vontade e determinação, internar, um a um, os verdadeiramente doentes que até então eram tratados e cuidados em casa pelos familiares. Aos poucos, Simão Bacamarte, num surto surpreendente, resolve que os honestos e os justos eram também loucos. Chega ao ponto de internar quase toda a cidade. À medida que vai analisando suas teorias, vai alterando o tratamento dispensado aos pacientes. Mas a cidade já está desconfiada do médico insano, assim, a reação não tarda e uma revolução armada irá contestar o médico que, acuado, toma resolução inusitada, surpreendente. Simão Bacamarte toma uma decisão, mais uma vez optando pelo cientificismo: “a questão é científica – dizia ele – trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática” (ASSIS, 2004, p. 53) e com os olhos acesos da convicção científica, “trancou os ouvidos à saudade da mulher e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo” (ASSIS, p. 53). Dizem os cronistas que “ele morreu dali a dezessete meses” (ASSIS, p. 53), no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.

Uma surpresa a cada página, personagens atípicos e crédulos da suposta superioridade europeia na medicina da loucura são apresentados no desenrolar da história e uma crítica à sociedade que o autor nunca perdia oportunidade de mostrar patética.

A releitura resgata o texto clássico, no qual se percebe a retomada de um importante fato confirmando, que na literatura brasileira pode-se vivenciar e transformar o social a partir dos fatos reais, objetivando despertar o prazer estético.

Arturzinho conta sobre Lúcia “É a filha do homem da Casa Verde” (2006, p. 66), após desvendar o mistério de Jorge, um suposto bisneto de Simão Bacamarte, ele tenta manter o sigilo diante do jornalista da cidade que já andava desconfiado da existência de alguém no casarão abandonado. Ao avistar Arturzinho aproximando da Casa Verde, o jornalista se inquieta e prepara uma entrevista para o programa Fofocas da cidade, anunciando que o segredo seria revelado, como se verifica em: “para o nosso programa não existem segredos... A nossa investigação mostra que há alguma coisa nessa centenária casa, tão temida pela cidade” (2006, p. 68). Arturzinho se recusou a falar, procurou o prefeito e pediu que ele não permitisse a revelação. No mesmo instante o psiquiatra da cidade se aproxima e confirma que “não é prudente abrir a Casa, ainda mais na frente dessa multidão” (2006, p. 69) e que tal ato seria uma violência contra o homem que se encontrava lá dentro.

Pouco tempo depois no outro canto da casa, o homem aponta anunciando sua existência estranha para todos que ali se encontravam. “Ali estava, aquela estranha figura, na sua casaca e sua gravata de fita: o recluso da Casa

Verde” (2006, p. 71). Jorge assumiu sua identidade, revelou-se para as pessoas, ao lado da filha Lúcia, e deu entrevista ao jornalista, que ficou decepcionado, e depois de dar algumas informações, foi apresentado ao psiquiatra para que este pudesse tratá-lo.

E Lúcia virando-se para o garoto “mirou-o nos olhos – obrigada, Arturzinho, você e seus amigos foram ótimos” (2006, p.75). Jorge, a partir da ajuda do grupo de jovens, liderados por Arturzinho, conseguiu se libertar da reclusão, o primeiro sintoma da loucura. “Jorge estava curado, milagrosamente curado? Não” (2006, p. 75). Notou-se uma melhora significativa, mas era fundamental o acompanhamento do psiquiatra. No desfecho da narrativa percebe-se que ele está bem melhor.

Depois de longa análise sobre que fim deveria ser dado para a casa verde, decidiram fundar o Centro Machado de Assis, um patrimônio para Itaguaí, dividido em salas, centros culturais, uma biblioteca, onde se encontra “o diário que o Dr. Simão Bacamarte manteve nos dezessete meses em que lá passou, trancado” (2006, p. 77), ressaltando que a maior atração “todas as sextas-feiras à noite as pessoas que vão à Casa Verde têm um encontro marcado com o alienista, Jorge” (2006, p. 78), pai de Lúcia, apresentando em monólogo em tom imperioso retomando a obra clássica de Machado de Assis: “A ciência é meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” (2006, p. 78). Uma retomada cíclica no texto, misturando fatos da tradição e outras novidades na ruptura, como se observa no lirismo anunciado: “o momento em que ele se apaixonou pela portuguesa Ana, aquela que tomava conta do lugar e do próprio Simão Bacamarte. O alienista fez-lhe ardentes declarações de amor” (2006, p. 79) e para completar a nova história, a cena de morte é narrada em **O mistério da Casa Verde**: “deitado num catre, à luz de uma vela, o alienista se despede da moça” (2006, p. 79) e consagrando o final da história: “Dirão de mim, Ana, que morri louco como sempre fui. Não é verdade, Ana. Aqui aprendi muita coisa. Sou agora melhor pessoa do que era quando aqui entrei. Não foram os livros que me ensinaram a viver, Ana, foste tu” (2006, p. 79).

#### **IV – Tradição e a ruptura: a intertextualidade**

Após uma reflexão significativa sobre os textos literários e o tempo atual, foi construído um jogo intertextual cujo resultado permite estabelecer um diálogo complexo entre a tradição e a ruptura na literatura figurando como momento representativo no pensamento contemporâneo.

A espécie humana organiza-se socialmente e pratica diversas e complexas ações, mediadas por uma gama variada de manifestações da linguagem.

Pode-se afirmar, que dentre elas, o código lingüístico é o mais recorrente, uma vez que a língua se apresenta como um código convencionalizado, que permite aos indivíduos exercerem sua capacidade de linguagem e de comunicação. Partindo desse pressuposto, pode-se considerá-la como construção social. Segundo Bakhtin “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (1997, p. 279). Nessa perspectiva, os homens interagem através do uso de um código de comunicação, produzindo combinações diferenciadas das formas de língua, decorrentes das distintas práticas humanas e das diversas relações sócio-discursivas por eles efetivada em uma dada comunidade lingüística e em determinado contexto situacional.

Cada escritor, cada geração sente-se obrigada a partir do começo, numa desastrosa negação daquele princípio de harmonia da produção artística, a buscar o equilíbrio entre a tradição e o talento individual.

Pela perspectiva de Bornheim, nota-se o estabelecimento da tradição e ruptura entre os textos, uma vez que o primeiro trata-se de uma Casa de Orates para o desenvolvimento de estudos científicos sobre a loucura apresentando vínculos profundos com o nascimento das Ciências humanas. De um lado, a sede de explicação rigorosa de seu objeto, no caso, a loucura, e, de outro, o direito que se arroga de dizer a verdade a respeito da loucura e do louco e de agir sobre ele com plenos e legítimos direitos.

A obra de Machado denuncia o vínculo entre ciência e poder bem como a usurpação, pelo homem de ciência, do direito que cada um tem de dizer a própria verdade. O que conduz à ironia final: parece haver mais loucura na pretensão de estabelecer com nitidez a linha divisória entre razão e a loucura que em perder-se entre seus supostos limites.

Ao retratar a burguesia hipócrita da época, o autor se vale do personagem magnífico III – Dr. Simão Bacamarte III – médico que irá desenvolver suas teorias a respeito do tratamento da loucura, conhecimento adquirido em sua estadia na Europa. A ironia de Machado de Assis é notória nesta obra e mostra a hipocrisia do ser humano que só pensa em seu próprio prestígio.

Tratando-se de narrações ou interpretações fragmentadas mas que constituem a tradição e a ruptura de uma trama voltada para objetos e questões determinadas, há uma pluralidade de histórias desprovidas de princípios rígidos e predeterminados, que permitem ver e traçar uma linha de acontecimentos, cumprindo, assim, os objetivos deste trabalho.

## **V – Considerações finais**

Percebe-se que a Literatura só pode ser abordada e compreendida em si mesma, na sua natureza intrínseca, composição e finalidade por ser um fenô-

meno literário. Assim, é uma arte, a arte da palavra. O literário ou o estético inclui e transforma o social, o histórico, o religioso. O seu valor ou significado encontra-se em seu aspecto estético-literário, que lhe é comunicado por elementos específicos de sua estrutura que oscila entre a tradição e a ruptura aqui simbolizadas nas obras **O alienista** e **O mistério da Casa Verde**, cuja finalidade é despertar no leitor um prazer estético.

Mesmo partindo de fatos da vida que os contêm, eles são apenas pontos de partida para o momento de transfiguração do real, conforme se verificou na obra análise e comparação entre as obras. Na primeira, a presença do poder da ciência para estudar os casos de loucura, envolvendo quase toda a população de Itaguaí e na segunda, uma retomada do clássico pelo intertexto, preservando o Casarão, onde foi palco do conto machadiano e ao abrigar um descendente do Protagonista, permite agregar elementos novos, como a fundação do centro cultural Machado de Assis, além do Clube, o ponto de encontro tão sonhado pelo grupo de personagens, da obra de Sclyar, sem deixar de citar a ação e uma lição de solidariedade vivida pelos jovens.

Ao contrário do que muitos pensam, a literatura oscila entre autores acomodados e outros, ousados, o que se pode discutir e comprovar através do processo de tradição e ruptura.

Embora nestes últimos anos não tenha havido, formalmente, movimentos estéticos, isto não quer dizer que a literatura brasileira tenha estagnado. Ela está viva, atuante, com uma linguagem própria, rica e variada representando e narrando fatos em consonância com a linguagem cotidiana, de forma que o escritor pode fazer uso desta, na variada estilização de suas concepções da realidade, deixando ao leitor uma forma prazerosa de lidar com a realidade numa perspectiva de tradição e ruptura.

A partir do desenvolvimento de um estudo intertextual procurou-se estabelecer uma tensão entre **O alienista** (tradição) e **O mistério da Casa Verde** (ruptura), considerando-os como antigo e moderno permitindo uma reflexão sobre a falta de verdades estáveis na modernidade, cuja ênfase é depositar cada vez maior peso no pensamento sobre o futuro considerando-o como dinâmico e superior ao passado, o que torna o vasto quadro das experiências passadas em si mesmo obsoleto, decretando dessa maneira o esquecimento da própria memória.

Visando a uma reflexão significativa sobre o tempo atual, construiu-se um jogo intertextual a demandar um núcleo: a desorientação do homem moderno num mundo onde a tradição cultural tende a diluir-se. O resultado desse estudo permitiu estabelecer um diálogo complexo entre a tradição e a ruptura na literatura figurando como momento representativo no pensamento contemporâneo.

É preciso fazer da crítica saber racional científico, já que a literatura fornece material abundante que permite a reflexão crítica sobre o poder da ciência e sua tentação autoritária

O olhar do leitor dileitante, amante da literatura e atento à mensagem inscrita no texto literário, é o modo de ver de alguém que concebe a literatura não apenas como passatempo e fruição, mas como um saber capaz de contribuir para a formação humanista do intelectual, inclusive do cientista.

**O alienista** é uma obra de ficção. Não tem, portanto, a pretensão da linguagem científica e ou academicista. Para a literatura, a verdade é uma questão vital na medida em que gera narrativas: seus episódios, peripécias, fazendo-se carne e osso dos personagens, como se fez nas duas obras, uma sendo retomada por outra.

A história contada em **O alienista** não existiu na realidade material, pelo menos não há declaração e/ou confirmação textual. Nesta perspectiva, ela é considerada inverossímil, até que provas contrárias sejam localizadas, porém, a literatura ficcional faz uso da imaginação para produzir uma narrativa, uma verdade e saber legítimos. O que foi lido termina por apresentar aspectos verificáveis em personagens e instituições reais, como os hospícios, hospitais, seus loucos e doentes e os encarregados de instituírem a normalidade e curar. Ainda que não se verifique similitude plena entre a narrativa literária e a vida material real, ela oferece ao leitor um saber, uma verdade, permitindo-lhe pensar e questionar o real existente.

Não se trata de fazer apologia à literatura, nem de contrapô-la ao saber científico, mas de simplesmente reconhecê-la como outro conhecimento humano merecedor das atenções e capaz de contribuir para que se pense criticamente sobre os valores predominantes na sociedade, a partir da retomada de um clássico da literatura.

À medida que uma obra como **O alienista** permite refletir sobre o poder e a ciência, ela se mostra tão fundamental quanto qualquer texto fundado em argumentos científicos que tenha o mesmo caráter questionador.

Também não foi intenção esgotar a análise do conto e **O alienista** e **O mistério da Casa Verde**, na perspectiva adotada entre a tradição e a ruptura. Apenas nota-se um desejo de resgatar fatos e comparar temas e os autores, observando a possibilidade de repensar um universo literário em que permeiam a ciência, o poder, a presença da solidariedade despertando no leitor o prazer estético.

## Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. **O alienista**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

\_\_\_\_\_. **O alienista**: literatura, ciência e poder. Disponível em: <[www.espacoacademico.com.br/072/72ozai.htm](http://www.espacoacademico.com.br/072/72ozai.htm)>. Acesso em: 5 set. 2008.

\_\_\_\_\_. O Alienista. In: **Obra completa**. v. 2, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 253-288.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.

BORNHEIM, Gerd et al. **Tradição e contradição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1997. p. 20.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SANT'ANNA, A. **Paródia, paráfrase e cia**. São Paulo: Ática, 1995.

SCLYAR, Moacir. **O mistério da Casa Verde**. São Paulo: Ática, 2006.